

LAURA BALDINI

MARIA MONTESSORI
E A ESCOLA
DA VIDA

Tradução de
Carmo Vasconcelos Romão

alma
dos
livros

Capítulo Um

HOSPITAL PSIQUIÁTRICO DE ÓSTIA, PERTO DE ROMA, 1894

Os sinos da Basílica de Santa Áurea anunciavam a missa vespertina. O som grave e metálico ecoou por entre as casas e atravessou as grossas paredes do velho edifício que outrora fora um convento. As badaladas tinham um efeito tranquilizador, transmitiam uma sensação de familiaridade e despertavam vagas recordações de uma vida livre, de risos e brincadeiras, de uma quinta onde as galinhas andavam à solta e as crianças corriam para as apanhar, de uma oficina banhada pelo sol e do cheiro a madeira recém-aplainada. Contudo, quando os sinos deixavam de tocar, desapareciam as agradáveis imagens de tempos passados.

Luigi estava acorado sobre um colchão duro. Haviam-no voltado a confinar àquela cela minúscula, com uma simples cama de armação de aço e da qual apenas divisava um fragmento de céu através de um postigo quadrado na parte superior da parede. O azul, escuro, anunciava o pôr do sol. Luigi nem sequer se recordava porque estava encerrado de novo. Devia ter algo que ver com a mancha castanha-avermelhada que parecia acusá-lo desde a parede cinzenta que tinha à frente. Recordava-lhe um animal cujo nome esquecera, do mesmo modo que esquecera todas as imagens e todos os nomes relacionados com o seu passado.

Pensou que aquela mancha da cor da ferrugem poderia ser do seu próprio sangue e propôs-se continuar a sujar a parede até decidirem pintar a cela. Certamente precisariam de muitos anos, dado que o dinheiro escasseava e as autoridades de Roma se importavam ainda menos com os reclusos do que com os desperdícios acumulados nas ruas dos bairros mais pobres da cidade. À instituição iam parar os doentes mentais e os aleijados da zona portuária de Óstia, com o objetivo de proteger o resto da sociedade da conduta imprevisível dos internados. Apesar de ter apenas oito anos, Luigi não era nem de longe o residente mais novo da instituição. Na grande sala contígua havia crianças que mal tinham aprendido a andar. Não obstante, em vez de se alegrarem por terem dado os primeiros passos, tropeçando por todo o lado, acocoravam-se na cama com o olhar perdido no teto.

Porque não estava Luigi com eles? Voltara a morder alguém? Um dos guardas definira-o como um monstro perigoso, um selvagem que não aprendera as regras da vida em sociedade. Luigi recordava-se vagamente do sabor do sangue. Aquela mancha seria do seu? Afinal, a boca era a sua única arma. Com ela, defendia-se dos mais velhos que pretendiam obrigá-lo a despir a roupa, com mãos fortes, para lhe darem um duche de água gelada e assim não cheirar como um animal. Um procedimento humilhante e angustioso que se repetia uma vez por semana. Talvez se devesse a uma dentada o motivo pelo qual o tinham enfiado naquele casaco de tecido áspero e malcheiroso, com mangas compridíssimas atadas nas costas. Luigi mal podia mexer-se. E a mancha de sangue? Pestanejou. Nas suas longas pestanas tinha diminutas gotas escuras, já secas, e sentia palpitações na frente direita. Parecia evidente que batera contra a parede. Inclinou a cabeça com cuidado a fim de se poder ver. O casaco estava igualmente manchado de sangue. Quando franziu a testa, sentiu tensão na pele que lhe envolvia o olho direito e o ardor de uma ferida. Satisfeito, percebeu que a dor seria uma boa amiga, pois indicava-lhe que continuava vivo. Enquanto

a sentisse, tinha a certeza de que não morreria. Qualquer coisa era melhor do que o terrível vazio que o acompanhava dia após dia, um vazio que só conseguia preencher brigando com os guardas de modo desesperado.

Luigi desejou que os sinos da igreja repicassem de novo para recuperar as recordações agradáveis de uma vida passada, pela qual valia a pena lutar. Porém, com o decorrer dos dias, as imagens empalideciam mais. Luigi receava o momento em que desaparecessem de todo. Se se resignasse por completo, acabaria como as outras crianças e aceitaria o seu destino. Apoiou a cabeça nos joelhos e apurou o ouvido. O silêncio era sombrio e ameaçador, como um buraco no chão em que se ia afundando pouco a pouco. Esperou que soassem as badaladas. Mais tarde ou mais cedo, voltariam a chamar os fiéis à oração, e durante uns breves instantes poderia fugir desse vazio.

Capítulo Dois

ROMA, OUTONO DE 1894

— **O**nde está o pai? Nervosa, Maria não parava de andar de um lado para o outro na casa de jantar. Sempre que ouvia o ruído que anunciava a passagem de uma carruagem, colava-se à janela e olhava para a rua.

— Chegará daqui a pouco — disse Renilde Montessori para tranquilizar a filha. Levantou os olhos do bordado, um paninho com o qual pensava decorar a cómoda escura de madeira de cerejeira, para que as visitas pudessem apreciar os seus dotes de mulher arrumada e habilidosa. — O teu pai sabe que tem de te acompanhar hoje à universidade.

— Às vezes parece-me que chega tarde de propósito, para me complicar ainda mais o curso, como se ele já não fosse suficientemente difícil. Todos os dias tenho de me impor à inveja dos colegas e à ignorância dos professores que não suportam ver uma mulher nas suas respeitáveis aulas.

Maria afastou-se da mesa e deixou-se cair numa cadeira de um modo nada elegante. Os seus dedos finos e compridos tamborilavam sobre a superfície de madeira.

— Que tolice. O teu pai deve estar a chegar. Sabe bem que não podes ir sozinha para o Instituto de Anatomia. Neste caso, não basta a minha presença na carruagem ou a de uma simples dama.

Precisas que um homem te acompanhe – recordou-lhe Renilde. A seguir, franziu a testa e lançou um olhar reprovador à filha. – Acaba com essas pancadas.

Maria retirou a mão e pousou-a no colo com ar culpado. Apesar de já ter vinte e quatro anos, na presença da mãe, sentia-se por vezes como uma rapariguinha a quem era necessário repreender o comportamento impetuoso, não obstante ser uma das primeiras mulheres de Itália a estudar medicina. No mês anterior tivera a honra de lhe atribuírem o ansiado Prémio Rolli, que lhe concedia uma impressionante bolsa estatal de mil liras. Assim, já não dependia economicamente dos pais.

– Se fosse outro seminário ou aula, era-me indiferente chegar tarde – declarou Maria. Por ser mulher, não entrava na aula antes de todos os colegas masculinos estarem já sentados. Como alguns se atrasavam, via-se frequentemente obrigada a esperar e nunca conseguia ouvir as primeiras frases dos professores. – Mas a minha primeira vez na sala de dissecações, e ainda por cima uma aula particular, tornar-se-ia pouco apropriado não ser pontual. O professor Bartolotti não ficaria satisfeito.

– Já sei, Maria. E o teu pai também, podes crer.

Havia dias que em casa dos Montessori não se falava de outra coisa. Maria não perdia a oportunidade de contar à família o que a angustiava. A sala onde se dissecavam cadáveres parecia-lhe um local horroroso, na qual evitaria pôr os pés de boa vontade. Porém, sem as horas de anatomia não poderia licenciar-se, vendo-se obrigada a superar os medos.

Renilde pousou o trabalho em cima da pequena mesa e olhou para a filha com ar encorajador.

– Já chegaste até aqui, também conseguirás superar esta parte.

Ao contrário do marido, o funcionário das Finanças Alessandro Montessori, Renilde fascinara-se com o percurso profissional que a filha escolhera, apoiando-a de forma incondicional no propósito de se converter numa das primeiras médicas de Itália. Para a mãe, a decisão não fora uma surpresa. Após os seis anos

de escola primária, a filha fizera o secundário numa escola técnica e especializara-se durante dois anos em ciências naturais. Por isso, a medicina parecera-lhe quase uma consequência lógica. Alessandro Montessori via as coisas de outra forma, mas Renilde estava orgulhosa da filha e talvez esse orgulho se misturasse até com uma certa inveja, dado que também ela tinha uma mente aberta e partilhava o interesse de Maria pelas ciências naturais. Infelizmente, fora proibida de realizar o desejo de estudar. Era um privilégio pelo qual só agora as mulheres do Reino de Itália começavam a lutar.

– Enquanto esperas, podes aproveitar para apanhar de novo o cabelo – propôs-lhe Renilde. – Soltou-se-te uma madeixa, o que não só oferece uma imagem descuidada, como também frívola. Não podes permitir que circulem mexericos a teu respeito.

Maria franziu os lábios. Estava habituada a que a mãe criticasse o seu aspeto. Renilde Montessori, cujo apelido de solteira era Stoppani, provinha de uma família de latifundiários de Chiaravalle, uma pequena aldeia situada perto de Ancona. Como tantos outros italianos, estava convencida de que a Igreja Católica não só oferecia às pessoas o único credo verdadeiro, mas também uma série de regras que se deviam respeitar ao longo da vida. Assim, a decência parecia-lhe uma das maiores virtudes.

Precisamente quando Maria se dispunha a cumprir o que a mãe lhe sugerira, ouviu o abrir da porta no andar de baixo.

– Por fim! – exclamou, pondo-se de pé de um salto. De repente, as madeixas soltas foram esquecidas.

Maria pegou na pasta de couro com os livros, os apontamentos e o estojo dos lápis e desceu a escada apressada. Para não ter de carregar com o peso todo, dividira os livros em cadernos mais pequenos, de maneira a levar só os que precisava. Juntá-los-ia de novo num só volume logo que passasse nos exames. Apesar de tudo, a pasta pesava alguns quilos.

– Maria!

– Sim? – respondeu, voltando-se para a mãe.

– Virás a horas de jantar?

– Não sei.

– Ontem, a Flavia fez massa fresca. Esta noite servi-la-á com manteiga e folhas de sálvia. É um dos teus pratos favoritos.

– Parece-me ótimo, mãe, mas infelizmente não posso dizer-lhe ao certo quanto tempo passaremos na sala de dissecações.

Por momentos, Renilde pareceu decepcionada. Não lhe agradava a ideia de ter de esperar o regresso da filha além do habitual. As conversas que mantinha à noite com Maria eram o momento mais desejado da monótona rotina diária. Havia anos que estava ao corrente de todos os pormenores, e não queria renunciar a isso no futuro.

– Esperarei por ti.

– Até logo! – exclamou Maria antes de lançar um beijo à mãe. Logo a seguir, desatou a correr de um modo nada feminino pelo corredor que acedia ao vestíbulo, apanhando a saia para não tropeçar na batinha. O grande relógio dourado que trazia ao pescoço preso a um cordãozinho balançava.

O pai esperava-a no vestíbulo, junto à porta. Passara as pastas a Flavia, a criada, mas mantinha o chapéu na cabeça e segurava ainda a bengala na mão enluvada. Alessandro Montessori era um homem de estatura imponente que cuidava do seu aspeto com esmero especial.

– Se continuas a correr dessa maneira, vais tropeçar nos teus próprios pés – avisou.

Mesmo assim, Maria alegrou-se por o pai voltar a falar-lhe. Quando lhe dissera que queria ser médica, ele passara várias semanas sem lhe dirigir a palavra, ignorando-a sem rodeios quando lhe perguntava o que pensava a esse respeito. Comer na sua presença convertera-se numa verdadeira tortura. Felizmente, essa fase fora ultrapassada. Dois acontecimentos importantes tinham contribuído para tal. Por um lado, a bolsa do Prémio Rolli e, por outro, a honra que Maria tivera dois anos antes, por motivo da festa das flores na Villa Borghese, quando entregara

uma bandeira e um ramo de flores à rainha Margarida, em nome da universidade. Posteriormente, aparecera nos jornais uma fotografia sua e da monarca, e os repórteres não só haviam elogiado a beleza de Margarida, como também a graça e elegância da jovem estudante de medicina.

Se bem que Alessandro podia voltar a sentir-se orgulhoso da filha, os dias em que costumava demonstrar-lhe um afeto carinhoso e incondicional pareciam ter ficado no passado. A decisão de estudar medicina contra a sua vontade continuava a ser para ele uma desilusão, e não restara outro remédio a Maria senão conformar-se com essa nova atitude.

– Dentro de uma hora tenho de estar na sala de anatomia – disse, nervosa.

– Não é um local adequado para uma jovem como tu – queixou-se o pai.

– Agradeço-lhe muito por me acompanhar – respondeu, imperturbável.

Em vez de comentar, o pai abriu a porta da rua e deixou-a passar. Maria aceitou o casacão que Flavia lhe estendia.

A criada trabalhava havia um ano para a família Montessori. Silvia, a predecessora, engravidara sem se ter casado, motivo pelo qual abandonara a casa no mesmo dia em que confessara o seu estado. Renilde Montessori não tolerava deslizes morais. Por muito avançada no tempo que pudesse ser quanto à educação da filha, mostrava-se conservadora nas relações entre homens e mulheres.

Maria não vestiu o casaco, limitou-se a pô-lo pelos ombros. Não sentia frio, pelo contrário: devido à agitação do momento, tinha as têmporas cobertas de finas gotas de suor. O coração batia-lhe acelerado e a respiração era também mais rápida e superficial do que de costume. Talvez devesse ter alargado um pouco o espartilho. Contudo, sabia de fonte segura que a aparência podia influenciar os olhares dos colegas masculinos. Quanto mais estreita fosse a sua cintura e feminino o seu aspeto, mais perto

estaria de conseguir que a admiração vencesse a hostilidade nos corredores sombrios da universidade.

Desceu a larga escada de caracol à frente do pai até ao andar térreo. Diante da casa, esperava já uma carruagem escura. Alessandro Montessori acabava de chegar do Ministério das Finanças, no qual trabalhava como primeiro inspetor. Geralmente, regressava a casa a pé, pelo passeio junto ao Tibre. O facto de ter alugado uma carruagem fez com que Maria se apercebesse de que não esperara em vão, e invadiu-a uma enorme sensação de gratidão.

Assim que viu a jovem, o cocheiro desceu de um salto e abriu a porta com galanteria.

– *Grazie mille!* – exclamou ela ao entrar. O pai ocupou o assento estofado a vermelho oposto ao sentido da marcha. Assim que se sentaram, a carruagem partiu com um solavanco e avançou pela rua empedrada.

A Universidade de La Sapienza, fundada em 1303 como universidade pontifícia, situava-se relativamente perto da Santa Sé. Tornara-se entretanto estatal e dela constavam quatro faculdades: a de Teologia, a de Filosofia, a de Direito e a de Medicina. Maria e o pai atravessaram Roma, o que implicava passar perto de vários monumentos grandiosos.

Em qualquer outro dia, Maria desfrutaria das vistas que o trajeto lhe oferecia. Encantava-a aquela cidade cheia de vida, cujos edifícios contavam histórias de tempos passados em que o Vaticano disputara a supremacia com dirigentes laicos. Fora devido à unificação da Itália que Roma se convertera numa capital moderna, em que os confrontos bélicos já não figuravam na ordem do dia. As obras de arte estavam expostas umas atrás das outras, como se se tratasse de um enorme museu ao ar livre. Porém, Maria não foi capaz de prestar a devida atenção ao Coliseu, ao Fórum Romano, ao Mausoléu de Adriano ou ao Panteão. Nem olhou para o Tibre quando o cruzaram. Nervosa, torcia as mãos no colo, observando preocupada as manchas rosadas que lhe surgiam na pele.

– Não precisas de assistir a essas aulas práticas – disse-lhe o pai em voz baixa. – Seria compreensível se decidisses abandonar os estudos. De modo algum terias de te envergonhar se escolhesses outra profissão.

– Nem pensar! – protestou Maria com veemência, tentando de imediato suavizar o tom. – Não faço tenções de abandonar tudo só pelo que hoje me espera. Daqui a dois anos sairei da universidade com o curso de medicina.

Preocupado, Alessando Montessori enrugou a testa, e a essa inquietação juntou-se o aborrecimento.

– Não fica bem a uma jovem dedicar-se a cortar corpos humanos nus.

– Então, pai! – exclamou, revirando os olhos. – Já falámos disto muitas vezes. – Porque lhe parece normal que os homens dissequem cadáveres e considera tão escandaloso se uma jovem mulher o fizer?

– Porque é indecoroso! Nem quero imaginar o que vais ter de ver.

Maria limitou-se a abanar a cabeça. Estava cansada daquelas discussões que nunca acabavam bem. Parecia-lhe horrível cortar ao meio um cadáver, independentemente de quem o fizesse, homem ou mulher. Tinha de enfrentar sozinha a sala das dissecações, pois julgavam inapropriado que os estudantes do sexo masculino examinassem cadáveres nus na presença de uma mulher. Além do mais, os professores pensavam que era pouco conveniente que uma jovem estudante visse corpos nus. Se isso acontecesse na presença de homens, consideravam-no obsceno. Portanto, Maria precisara de aulas teóricas privadas para poder praticar os exercícios correspondentes, sozinha, na sala das dissecações. Só teria acesso a essa sala depois de os outros alunos terminarem os respetivos trabalhos. Como tal, quando os colegas saíam das aulas, já o sol se tinha posto.

O cocheiro deteve-se diante do edifício de quatro andares da Faculdade de Medicina. Uma ampla escada conduzia à entrada,

por sua vez, flanqueada à direita e à esquerda por grandes salas de aula. Maria saltou da carruagem seguida pelo pai.

– Devo acompanhar-te até à sala?

Maria olhou em volta. Na praça fronteira ao edifício da faculdade não havia praticamente ninguém. Do outro lado da rua, uma mãe puxava por um menino que não parava de chorar, enquanto um rapaz empurrava com afinco um pesado carrinho de mão cheio até cima de peças de aço dobradas. Ninguém reparava nela. Levantou os olhos para a fachada. Atrás de uma das grandes janelas do primeiro andar reconheceu um dos professores, que comprovava que não chegara só. Assim, cumpria os requisitos da decência.

– Não é necessário. Muito obrigada!

– Quando devo vir buscar-te?

– Basta que me envie uma carruagem cerca das dez horas – disse Maria. – Julgo que a essa hora ninguém se incomodará em garantir que o pai está sentado lá dentro.

– Às dez? – repetiu o pai, indignado.

Porém, antes que pudesse protestar, Maria despediu-se e correu até à escada da entrada.

– Tenho de me apressar! – exclamou enquanto acenava para se despedir.

Estava frio no interior do edifício, pelo que se aconchegou mais no casaco. Durante o verão, as paredes grossas encarregavam-se de deixar de fora o calor insuportável da cidade, enquanto no inverno a temperatura tornava-se um pouco mais agradável. Por outro lado, na primavera e no outono, o ambiente era inesperadamente fresco.

Diante da porta havia um relógio gigantesco que conferia ao vestíbulo a imagem impessoal de uma qualquer estação de comboios. Não condizia em nada com o luxuoso mobiliário barroco das salas. Aquela parte da universidade estava alojada num antigo palácio episcopal. Devido à falta de espaço, as quatro faculdades repartiam as instalações entre vários edifícios de Roma, e o palácio

que albergava a Faculdade de Medicina era um dos mais distintos. As grinaldas de flores dos corrimãos da balaustrada da escada e os anjinhos bochechudos nos nichos das janelas testemunhavam a riqueza de quem habitara o palácio em tempos idos. Apesar de os dourados dos relevos começarem a descascar em determinados sítios, ainda permitiam imaginar como seriam impressionantes as receções e festas ali celebradas. Porém, no tempo de Maria, estudantes mais ou menos motivados percorriam os corredores estreitos e de tetos elevados e entrincheiravam-se atrás de portas pintadas de branco para estudar.

Maria subia sempre os degraus dois a dois para aceder ao rés do chão, onde se encontrava o porteiro do instituto sentado atrás de uma placa de vidro. Maurizio era um homem baixo e desmazelado que perdera um braço na guerra contra os Habsburgo. Passava o dia metido na pequena cabina de madeira, a ler o jornal ou a comer pão com salame que a mulher lhe preparava e não reparou na jovem quando esta passou para aceder ao primeiro andar, onde se localizava a sala de anatomia. Maria cruzou-se com dois estudantes no corredor que ligava à sala em questão. Andrea Testoni e Marco Balfano eram ambos oriundos de abastadas famílias burguesas e tinham começado o curso com ela. Porém, ao contrário de Maria, não tinham sido aprovados em metade dos exames, devido ao estilo de vida desregrado que levavam. Preferiam passar as noites em bares e cafés da cidade e frequentavam festas e bailes em vez de estudarem. Tratavam-na com condescendência e nos últimos dois anos não só não a tinham cumprimentado uma única vez, como aproveitavam todas as ocasiões para lhe tornarem a vida impossível.

Assim que a viu, Andrea Testoni esboçou um sorriso malicioso. Voltou-se para Marco Balfano, mais alto do que ele, e disse de forma que ela o ouvisse:

– Hoje, essa bruxa convencida receberá a lição que há muito esperava.